

Exame Final Nacional de História A

Prova 623 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

11 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nas respostas aos itens que envolvem a produção de um texto, deve ter em conta os conteúdos e a sua organização, a utilização da terminologia específica da disciplina, a integração da informação contida nos documentos e a eficácia da comunicação em língua portuguesa.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

CULTURA E ARTE NO IMPÉRIO ROMANO

Documento 1

Integração da Grécia no Império Romano (século II a.C.), segundo Tito Lívio*

O cônsul Emílio Paulo** [...] enviou o filho, Quinto Máximo, regressado de Roma, para saquear as cidades de Egínio e de Agasas. [...] Mandou também saquear a cidade dos énios, que tinha oferecido maior resistência aos romanos do que as cidades vizinhas. Aproximando-se o outono, o cônsul decidiu [...] fazer uma viagem pela Grécia e visitar lugares que a fama engrandeceu [...]. Atravessou a Tessália e dirigiu-se a Delfos, onde se consultava o famoso oráculo. [...] Dali dirigiu-se a Atenas. Esta cidade é famosa pelas suas glórias antigas e pelas suas magníficas construções: a Acrópole, os portos, as muralhas que ligavam a cidade ao Pireu, os estaleiros navais, monumentos de grandes generais, esplêndidas estátuas de deuses e de homens, magnificamente esculpidas em todo o tipo de materiais e em todos os estilos artísticos.

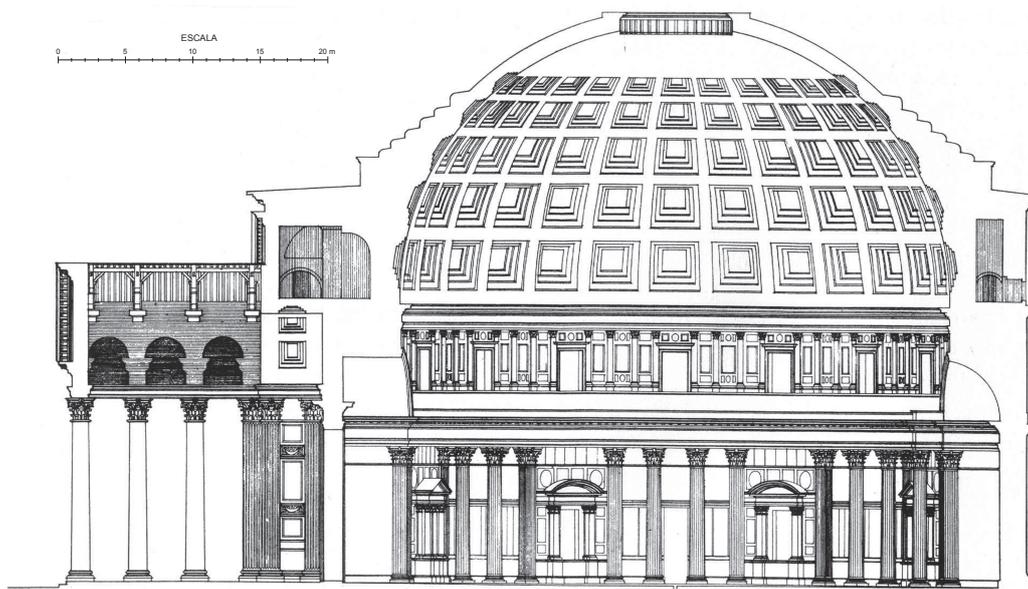
Após ter feito sacrifício à deusa Minerva (ou seja, Palas Atena) e ter pedido aos atenienses que lhe dessem o seu filósofo mais notável para educar os seus filhos e um pintor talentoso para decorar o seu triunfo, [...] partiu para Corinto. Daí marchou para a Lacedemónia, inesquecível não pela grandiosidade dos seus edifícios, mas pela sua disciplina e pelas suas instituições. Dirigiu-se a Olímpia, onde ficou profundamente impressionado ao contemplar a estátua de Júpiter, como se o próprio deus ali estivesse, e deu ordens para se fazer um sacrifício mais sumptuoso que o habitual, como os sacrifícios que se realizam no Capitólio [em Roma].

* Historiador romano (c. 64 a.C. – 17 d.C.).

** General e cônsul romano que derrotou Perseu, rei da Macedónia, em 168 a.C.

Documento 2

Panteão de Roma (século II) – corte longitudinal



1. A matriz cultural do mundo romano, influenciada pela conquista da Grécia (documento 1), refletiu
 - (A) o contacto com a religião grega, que se tornou a única religião permitida no Império.
 - (B) a valorização da língua grega, que se tornou a única língua oficial do Império.
 - (C) o conhecimento e a adoção das várias instituições políticas da pólis ateniense.
 - (D) a admiração pelos valores estéticos da cultura grega e a sua assimilação.

2. No contexto do urbanismo romano, o Panteão de Roma (documento 2) era
 - (A) uma basílica que acolhia as sessões do Senado e dos Comícios.
 - (B) um templo dedicado à devoção a todos os deuses romanos.
 - (C) um anfiteatro destinado aos combates entre os gladiadores.
 - (D) uma *domus* luxuosa que servia de residência à família imperial.

3. A originalidade da arquitetura romana está evidenciada no documento 2, através do recurso a
 - (A) uma estética orientalizante, com edifícios assimétricos, grande volumetria e decoração excessiva.
 - (B) uma estética simples, com edifícios de sistema trilítico, colunas de capitel dórico e frontão triangular.
 - (C) elementos e materiais construtivos como os arcos ogivais, a abóbada cruzada e os vitrais coloridos.
 - (D) elementos e materiais construtivos como os arcos de volta perfeita, a cobertura em cúpula e o cimento.

4. Na sua obra, o historiador Tito Lívio (documento 1) demonstra o carácter pragmático da historiografia romana, cujo objetivo era
 - (A) narrar as conquistas de Roma, respeitando com imparcialidade a visão dos povos vencidos.
 - (B) enaltecer a religião romana e justificar a intolerância religiosa para com os diferentes cultos do Império.
 - (C) glorificar os feitos militares romanos e legitimar o domínio de Roma sobre os povos conquistados.
 - (D) consolidar a administração imperial, compilando as normas jurídicas que regiam a vida pública.

Identificação das fontes

Doc. 1 – Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, Livro XLV, século I a.C. – século I d.C., in <http://historiayverdad.org/Roma/Historia-de-roma-desde-su-fundacion-tito-livio-xxxi-xlv.pdf> (consultado em 29/11/2016) (adaptado)

Doc. 2 – www.arch.mcgill.ca/prof/sijpkcs/abc-structures-2005/Lectures-2005/lecture-7/pantheon-3_files/pantheon-section.jpg (consultado em 29/11/2016) (adaptado)

GRUPO II

A POLÍTICA POMBALINA NO CONTEXTO DO ANTIGO REGIME EM PORTUGAL

Reflexões do Marquês de Pombal na ocasião da inauguração da estátua equestre do rei D. José (06/06/1775)

Nos dias seguintes à inauguração da estátua régia, ficou claro que Sua Majestade tem dissipado as trevas e reparado as ruínas em que achou os seus reinos e tem feito aparecer outra vez, e até exceder, o século feliz dos reis D. Manuel e D. João III [...].

5 Tudo quanto se tem visto nas ruas, nas praças e nas janelas de Lisboa são produtos das manufaturas das lojas dos mercadores nacionais e dos trabalhos de artífices portugueses [...]; quem isto observa compreende o grande número de milhões que em si contém o comércio interno. [...] E considerando também os muitos milhões que têm entrado em Portugal [...], vim a concluir que Sua Majestade tem feito o seu comércio externo mais feliz e opulento [...].

10 A opulência dos vassallos [comprova-se] com os muitos milhões que valem os edifícios públicos e particulares de Lisboa, levantados sobre as ruínas do terramoto [...].

O desprezo a que os estrangeiros votavam o nosso comércio interno e externo também acabou, porque, depois de terem visto que em nenhuma outra nação da Europa se ensinou até agora o comércio numa escola magnífica, de que saem trezentos negociantes peritos e hábeis no fim de cada triênio, viram agora os progressos que a referida Aula do Comércio tem feito no

15 corpo mercantil, que encheu de brilho a praça real do comércio e as ruas de Lisboa. [...]

E todos aqueles estrangeiros [...] viram os diferentes estados e ordens de porte superior na mais perfeita harmonia [...] e o povo miúdo em confusão e aperto, na praça real do comércio, com a mesma tranquilidade [...].

20 E a profusão de joias, baixelas, vestidos, carruagens, mesas e desembolsos de moeda corrente, que marcaram estes festejos magníficos, também fizeram os mesmos estrangeiros confessar publicamente que nunca haviam entendido que Portugal, em tão poucos anos, tivesse acumulado tantas riquezas. [...]

Em todo o Portugal e seus domínios não soam outras razões que não sejam as que vêm de Sua Majestade, ouvidas por todos com reverência, por acharem que o mesmo senhor só

25 determina o que é mais útil aos seus vassallos e que a todos ama e ampara como a filhos [...]. Reconheço que, para a prosperidade do reino que estas observações manifestam, não tive merecimento algum, mas sim a fortuna de Sua Majestade haver confiado na minha fidelidade para a execução das suas iluminadas ordens.

Identificação da fonte

Marquês de Pombal, «Observações secretíssimas, na ocasião da inauguração da Estátua Equestre, no dia 6 de junho de 1775, e entregues por ele mesmo oito dias depois ao senhor rei D. José I», in *Cartas e outras obras selectas*, Tomo I, Lisboa, Tipografia de Costa Sanches, 1861 (5.ª ed.), pp. 12-24 in [babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.\\$b545305;view=1up;seq=46](http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b545305;view=1up;seq=46) (consultado em 07/12/2016) (adaptado)

1. A afirmação de que «Em todo o Portugal e seus domínios não soam outras razões que não sejam as que vêm de Sua Majestade» (linhas 23-24) é própria de um sistema político que se caracterizava
 - (A) pela origem divina do poder real, confirmado através do voto universal dos súbditos.
 - (B) pelo carácter paternalista do poder régio, condicionado no seu exercício pela nobreza.
 - (C) pela concentração de todo o poder na pessoa do rei, aconselhado pelos seus ministros.
 - (D) pelo exclusivo régio na tomada de decisões, apoiadas na reunião frequente das Cortes.

2. Refira, a partir do documento, três características da sociedade portuguesa do Antigo Regime.

3. Explícite três opções da política económica do Marquês de Pombal refletidas no documento.

GRUPO III

PORTUGAL: DA FALÊNCIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA À AFIRMAÇÃO DO ESTADO NOVO

Documento 1

O plebiscito constitucional, no contexto da implantação do Estado Novo – posição do manifesto *Cidadão!* (1933)

Impõe-se a todos os portugueses o dever de se pronunciarem sobre este dilema: ou se continua no caminho traçado pela ação de Oliveira Salazar ou se deixa aberta a porta por onde a Nação regressaria a um passado de balbúrdia sanguinolenta, de miséria económica, de desprestígio internacional.

Cidadão, a ideia e o amor da Pátria e da unidade nacional, abraçando o culto da soberania nacional exercida por um Estado forte que te proteja, impõem-te o dever de votar a nova Constituição. [...]

O Estado e o governo não serão mais, como foram até 1926, instrumentos da política partidária; perante o Estado, os cidadãos portugueses não serão mais considerados diferentemente conforme pertençam à seita que apoia ou hostiliza o governo. Não! Serão considerados como chefes de família e como produtores, igualmente respeitáveis nos seus direitos e igualmente obrigados a contribuir para a conservação e o progresso do património nacional. [...]

E como a estabilidade dos governos não ficará à mercê de uma manobra parlamentar, [...] a atividade parlamentar cingir-se-á ao estudo dos problemas nacionais [...].

Para que o governo seja o árbitro, e não o escravo, [...] só será responsável perante o chefe de Estado, legítimo e direto representante do Povo, pois é eleito por ele em sufrágio direto e universal.

A nova Constituição, restituindo à função governativa a sua independência [...], consagra e mantém os métodos de administração que durante o regime ditatorial tornaram possível a obra indiscutível que restituiu a todos os portugueses o orgulho de o serem.

Documento 2

O plebiscito constitucional, no contexto da implantação do Estado Novo – posição de Bernardino Machado* (1933)

O direito de votar é o direito de votar conscientemente. Por isso, a liberdade de sufrágio envolve a liberdade de discussão, de propaganda. O veredito geral do eleitorado deve traduzir a vontade da opinião pública. Mas a ditadura convocou um plebiscito para a votação de uma nova Constituição, tendo retirado aos eleitores o direito de discutirem e a liberdade de voto. A nova Constituição é um dogma. [...] Todos têm de a aprovar, inclusivamente os que não votarem. E esses serão quase todos [...]. Far-se-á o plebiscito das abstenções.

[...] Quem, pois, dignamente, sem a consciência formada, esclarecida, participará no plebiscito? E para quê? [...] Ninguém terá a garantia de fiscalizar o processo eleitoral. O medo da discussão anunciava a fraude eleitoral. [...] Que há de ser senão a Constituição da autoridade sem a liberdade? E o ministro do Interior acaba de o frisar, declarando que se trata de passar da ditadura de facto para a ditadura de direito.

Visa-se perpetuar com o simulacro de plebiscito o arbítrio ditatorial. Todos os artigos do projeto se resumem efetivamente a dois: suprimir toda a liberdade, e portanto a soberania nacional, e elevar à prepotência governativa um chefe de Estado. É o regresso ao passado absolutista e ao pior dos absolutismos. [...]

Desde a hora em que usurpou o poder, não há perseguição que a ditadura não tenha movido contra os democratas. [...] Eis o monstruoso cadastro com que a ditadura tem a arrogância de apresentar-se ao plebiscito: violência política, ruína económica e fanatismo religioso.

* Presidente da República em dois mandatos, destituído em ambos por golpes de Estado (1917 e 1926).

1. Na ótica dos autores do documento 1, o «passado de balbúrdia sanguinolenta, de miséria económica, de desprestígio internacional» (primeiro parágrafo) refere-se ao período

- (A) da Monarquia Absoluta.
- (B) da Primeira República.
- (C) do Estado Novo.
- (D) da Ditadura Militar.

2. Compare as duas perspetivas político-ideológicas no âmbito do plebiscito da Constituição de 1933, expressas nos documentos 1 e 2, quanto a três aspetos em que se opõem.

3. Refira, a partir do documento 2, três medidas que evidenciavam o carácter repressivo do regime salazarista.

4. Associe cada uma das notas biográficas relativas à emergência de opções autoritárias, presentes na coluna **A**, à respetiva personalidade, de entre as que constam da coluna **B**.

Escreva, na folha de respostas, apenas cada letra e o único número que lhe corresponde.

COLUNA A	COLUNA B
(a) Presidente do Conselho a partir de 1932, a convite do Presidente da República de então, acumulou a pasta das Finanças que ocupava desde 1928.	(1) Óscar Carmona
(b) Presidente da República após o golpe militar que liderou em 1917, suspendeu a Constituição e instaurou a «República Nova».	(2) Marcelo Caetano
(c) Chefe do Governo da ditadura militar, foi Presidente da República, após o afastamento dos militares que lideraram o golpe de 28 de Maio de 1926.	(3) Sidónio Pais
	(4) Oliveira Salazar
	(5) Mendes Cabeçadas

Identificação das fontes

Doc. 1 – <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04701.012.002> (consultado em 15/12/2016) (adaptado)

Doc. 2 – http://manuel-bernardinomachado.blogspot.pt/2013_12_01_archive.html (consultado em 20/12/2016) (adaptado)

GRUPO IV

A EUROPA E OS PAÍSES DA ÁSIA-PACÍFICO DO SEGUNDO PÓS-GUERRA À VIRAGEM PARA O SÉCULO XXI

Documento 1

Desafios do Reino Unido e do mundo – discurso do primeiro-ministro britânico, Anthony Eden* (1955)

A nossa primeira tarefa é lutar contra os problemas económicos. Estes são muito sérios, mas já o foram mais. [...] Neste âmbito, acabei de receber os dados provisórios de setembro relativos ao comércio, e os resultados são encorajadores. [...] É igualmente importante aumentar a eficiência da nossa produção. [...] A indústria britânica tem desenvolvido um trabalho notável, e trabalhadores e empresários são dignos do nosso apreço pelo aumento de produção que alcançaram. [...]

No que diz respeito às questões da paz no mundo, as tensões internacionais na Europa e no Extremo Oriente são menos acentuadas neste momento [...]. No entanto, isso não significa que as grandes potências mundiais tenham alterado os seus objetivos [...].

Quanto à unidade da Europa ocidental, que se aprofundou e se materializou em comércio e em tratados, é a expressão de uma realidade política. [...]

O nosso primeiro objetivo deverá ser o de reduzirmos a tensão [...]. Em minha opinião, a segurança europeia não poderá nunca basear-se na divisão da Alemanha por tempo indefinido. [...]

No nosso país, vivemos hoje um período de transição, empolgante, mas difícil. É verdade que a empregabilidade nunca foi tão elevada e que a prosperidade nunca foi tão generalizada. [...] Mas o mundo moderno é altamente competitivo [...]. Por isso, quaisquer que sejam as dificuldades, não haverá cortes de despesa na área do nuclear ou na formação da mão de obra científica especializada. [...]

Terão também reparado que não utilizei as palavras «socialismo» ou «nacionalização». Como sabem, julgo que elas estão ultrapassadas. [...]

Para engrandecermos o nosso país, precisaremos de mobilizar as qualidades do nosso povo.

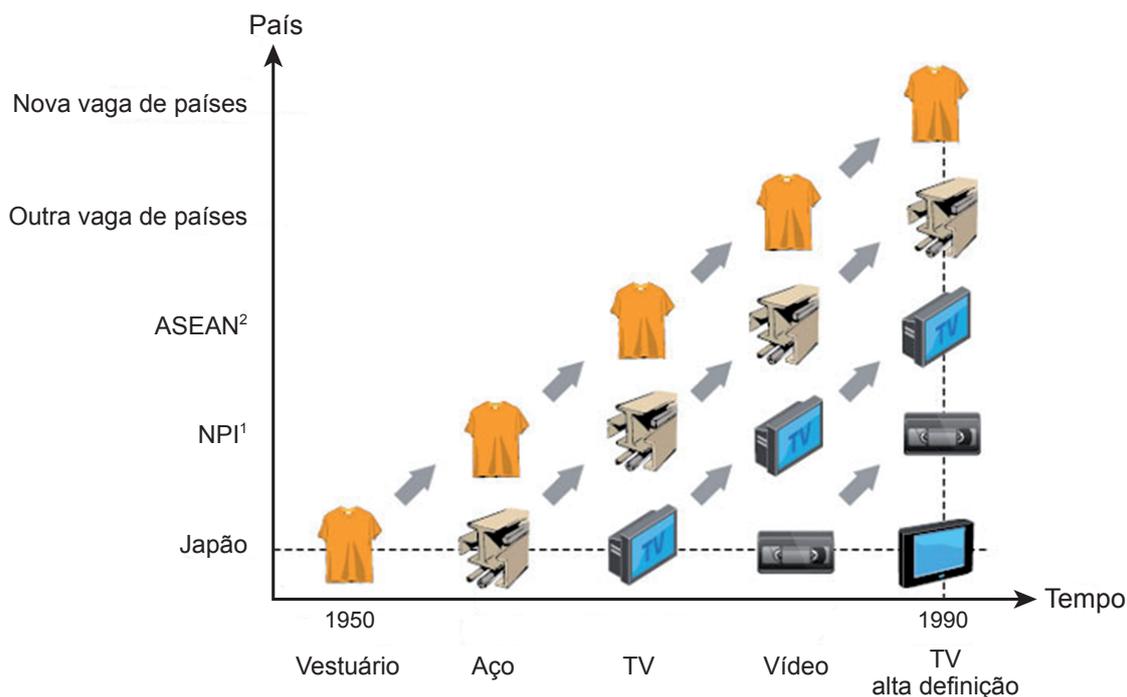
* Político do Partido Conservador, foi primeiro-ministro de 1955 a 1957.

Documento 2

Evolução dos grandes polos económicos – valor das mercadorias exportadas por alguns países (1960-2000) (em dólares correntes)

Ano	1960	1970	1980	1990	2000
País					
França	6 866 430 000	18 098 600 000	116 030 000 000	216 588 000 000	327 610 932 147
R. P. China	2 571 280 000	2 307 250 000	18 099 000 000	62 091 000 000	249 203 000 000
Singapura	1 135 820 000	1 553 630 000	19 376 000 000	52 730 000 000	137 804 000 000
Tailândia	411 000 000	710 192 000	6 505 000 000	23 068 000 000	69 057 000 000

Modelo de evolução das economias asiáticas* (décadas de 1950 a 1990)



¹ NPI: Novos Países Industrializados – Hong Kong, Singapura, Coreia do Sul e Taiwan.

² ASEAN: Associação de Nações do Sudeste Asiático – Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas.

* Modelo de Kaname Akamatsu (economista e professor universitário japonês) apresentado por Saburo Okita (economista japonês e ministro dos Negócios Estrangeiros) na 4ª conferência do Conselho da Cooperação Económica do Pacífico, em Seul, 1985.

Documento 4

O legado do milagre económico de Deng Xiaoping – jornal *The Telegraph* (21/08/2014)

A primeira recordação de Rachel Huang sobre a sua terra natal são as ervas daninhas: «Tinha 5 anos e estava a sair pelas traseiras da estação de comboios. Havia ervas daninhas por todo o lado e eram mais altas do que eu».

Hoje, três décadas mais tarde, no mesmo local há uma fervilhante rede de estradas, torres de apartamentos e arranha-céus de vidro, perdendo-se no horizonte.

Há atualmente, na China, muitas cidades assim. Mas esta é Shenzhen, que simboliza, de forma impressionante, a transformação do país no último quarto de século [...], e a cidade está a empenhar-se na evocação do homem que tornou possível esta mudança.

Deng Xiaoping faria amanhã 100 anos [...]. Um cartaz de propaganda mostrando o seu rosto diante dos prédios altos da cidade foi substituído por um outro ainda maior.

Shenzhen foi a primeira zona económica especial [...] criada por Deng em 1980, depois de ter herdado um país [...] arruinado por 30 anos de maoísmo.



1. Transcreva duas afirmações do documento 1 que refletem o clima de afrontamento bipolar no segundo pós-guerra.

2. Indique o nome da aliança militar que reforçou a «unidade da Europa ocidental» e constituiu a «expressão de uma realidade política» (documento 1, terceiro parágrafo) do segundo pós-guerra.

3. O autor do documento 1 considera «ultrapassadas» as palavras «socialismo» ou «nacionalização» (sexto parágrafo), numa crítica a políticas adotadas na Europa ocidental, no segundo pós-guerra, no âmbito

(A) da democracia popular.

(B) do corporativismo.

(C) do neoliberalismo.

(D) da social-democracia.

4. Ordene cronologicamente os seguintes acontecimentos da História europeia e mundial, relativos às décadas de 1940 a 1990. Escreva, na folha de respostas, a sequência correta de letras.

(A) Construção do muro de Berlim.

(B) Tomada de posse de Margaret Thatcher como primeira-ministra britânica.

(C) Discurso de Winston Churchill denunciando a divisão da Europa por uma «cortina de ferro».

(D) Transferência da soberania de Macau para a República Popular da China.

(E) Início da Guerra da Coreia.

5. Desenvolva, a partir dos documentos de 1 a 4, o seguinte tema:

Realizações das economias mundiais, do segundo pós-guerra à viragem para o século XXI.

A sua resposta deve abordar, pela ordem que entender, três aspetos de cada um dos seguintes tópicos:

- os «Trinta Gloriosos» anos de prosperidade na Europa ocidental;
- fatores favoráveis ao desenvolvimento económico dos países da Ásia-Pacífico;
- especificidades do modelo económico da República Popular da China, a partir da década de 1980.

Identificação das fontes

Doc. 1 – www.britishpoliticalspeech.org/speech-archive.htm?speech=105 (consultado em 30/11/2016) (adaptado)

Doc. 2 – databank.worldbank.org/data/ (consultado em 30/11/2016) (adaptado)

Doc. 3 – www.grips.ac.jp/forum/module/prsp/FGeese.htm (consultado em 05/12/2016) (adaptado)

Doc. 4 – www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/china/1469883/Rich-legacy-of-Dengs-economic-miracle.html (consultado em 06/12/2016) (adaptado)

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item					Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)					
I	1.	2.	3.	4.		
	5	5	5	5		20
II	1.	2.	3.			
	5	20	25			50
III	1.	2.	3.	4.		
	5	25	20	5		55
IV	1.	2.	3.	4.	5.	
	10	5	5	5	50	75
TOTAL						200

Prova 623
1.^a Fase
VERSÃO 1